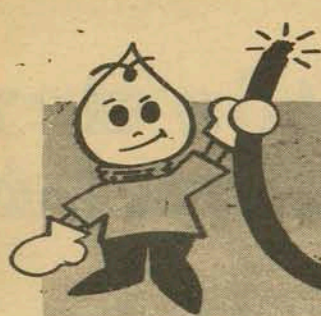




SETOR ELÉTRICO
VIOLÊNCIA
As punições continuam

N° 155 31/10/91

USIMINAS



Polícia reprimiu quem foi contra o leilão

Governo investe no marketing da privatização

A realização do Leilão das ações da Usiminas não completa a empreitada do governo no sentido das privatizações. A preocupação de quem está começando um processo que pretende que seja longo está estampada campanha publicitária que acompanha a venda da empresa.

Mas algumas coisas ainda não foram bem ditas ainda. Por exemplo: a venda praticamente um teco das ações para a empresa Vale do Rio Doce e a Associação dos Empregados do Banco do Brasil não pode ser considerado um sucesso para o que o governo pretendia. Na verdade os investidores do exterior não ligaram para a privatização, e os lotes de ações acabaram nas mãos de banqueiros que "desembolsaram" títulos da dívida pública, ou seja, papéis que valem pouco mais do que nada.

Mas o governo está empenhado em mostrar que é "uma maravilha esta privatização, e pode-se esperar para os próximos meses um grande alarde de benefícios gerados pela privatização. O Diário Catarinense, na quarta-feira, dia 30, estampou na página 13: "Usiminas oferece 513% de reajuste". Mas quando se lê a matéria percebe-se que na verdade o reajuste varia de 101 a 125%, além de um abono que será pago em outubro. Nada muito diferente do que diversas empresa do setor público e privado estão praticando. Muito menos, por exemplo, do que o reajuste de 200% obtido na Celesu.

Um detalhe curioso é a venda, pela televisão, de que qualquer pessoa pode ser "dona" das estatais vendidas. Um movimento em sentido contrário ao da realidade, pois o cidadão comum só pode ser "dono" de uma empresa de tal porte se ela for pública e controlada publicamente. A não ser que ele seja tão "comum" quanto os grupos econômicos.

Mostrar que a privatização deu certo é o objetivo. Talvez, por isso Ricardo Semler, articulista da Folha de São Paulo tenha razão: "qualquer privatização deve ser incluída como verba de marketing do Executivo, e nada mais. Vêm aí as vendas das últimas estatais que valem alguma coisa, incluída a Acesita, e fim de papo. Vai faltar um plano do que fazer com as outras duzentas e poucas que perdem dinheiro".

TST adia as demissões para forçar empresas a negociarem

O CNE entrou na sexta-feira (dia 25) com o Dissídio e com Medida Cautelar no TST. Esta Cautelar pedia, por liminar, que as empresas mantenham o atual quadro de empregados. Numa decisão inédita o Presidente do TST, Ministro Guimarães Falcão, atendeu a Liminar, com força de Ordem Judicial, para que os empregadores não façam demissões sem justa causa e os empregados se abstenham de fazer greve no período de 1º a 18 de novembro de 1991.

Os principais motivos que levaram o Ministro a tomar tal decisão aparecem nos trechos do seu Despacho: "A entidade sindical de nível nacional revela em seu pedido cautelar que a categoria profissional que representa está sob a ameaça de demissões coletivas a partir de 1º de novembro próximo, o que a obrigará a defender os empregos atualmente existentes através da deflagração de uma greve em todo o território nacional, única hipótese prevista em lei para obstar a intenção patronal face a suspensão dos contratos de trabalho, muito embora isto não esteja expressamente consignado."

"A preocupação da entidade sindical decorre do fato de a 1º de novembro próximo terminará a vigência da sentença normativa deste Tribunal Superior que, dentre outras normas e condições de trabalho, instituiu a garantia de emprego por um ano, a contar de 1º de novembro de 1990."

"Iniciadas as negociações objetivando a revisão da sentença normativa do TST, ao que parece surgiram resistências e dificuldades de parte dos empregadores, notadamente quanto à cláusula da garantia de emprego."

"Essa cláusula se revela como a mais importante para a categoria profissional, superior mesmo à que trata do reajuste salarial, eis que por força da decisão proferida pelo TST ficaram proibidas as despedidas arbitrárias e os trabalhadores puderam manter seus empregos por um ano."

"É justa a pretensão dos trabalhadores, pois não haverá clima para uma negociação pacífica quando o empregador anuncia que fará demissões coletivas, tanto que a categoria profissional estará na obrigação de deflagrar uma greve para que, na forma da Lei 7.783/89, os contratos de trabalho sejam suspensos e, conseqüentemente, proibidas as demissões individuais ou coletivas."

Eletrosul pode apresentar nova proposta esta semana

Ainda não há uma contraproposta concreta da Eletrosul para as reivindicações dos empregados. Na segunda-feira, durante a 4ª reunião de negociação, em Florianópolis, finalmente foi discutida toda pauta. A empresa concordou em apresentar nova redação para alguns itens e prometeu apresentar o texto ainda esta semana. Os itens são: complementação auxílio doença, unificação de diária, abono de falta para tratamento de saúde, eleição na ELOS, transporte a local difícil acesso, liberação de estudante, horas-extras, dirigentes sindicais, representantes sindicais, dupla função, turno de revezamento, auxílio creche, auxílio alimentação, e reembolso médico.

A Eletrosul negou as cláusulas: isonomia, transferência do FGTS, adicional para áreas isoladas, aposentadoria especial, reserva técnica, isonomia no controle de frequência, gratificação de férias, atendimento social, revisão da tabela de cargos e salários e quebra de caixa. Os outros itens da pauta a empresa negou alterações mantendo o texto do acordo passado. Aceitou o plano de recuperação de saúde.

Na reunião da segunda-feira a Intersindical confirmou que está previstas uma verba no valor de 3% da folha de pagamento para o chamado "reajuste de curva" (ou seja, promoções). A Intersindical quer discutir e negociar isto com a empresa para que não se repita, como de vezes anteriores, que estas verbas foram utilizadas com fins políticos. A grande maioria dos funcionários da Eletrosul está há mais de 5 anos sem promoções. Por isso a Intersul quer que os critérios sejam muito bem definidos, ou então propõe que a verba seja distribuída linearmente para todos.

Ontem as todas empresas estiveram reunidas no Rio de Janeiro, segundo eles para estudar possibilidade de reabrir negociações com o Comando Nacional dos Eletricitários nesta semana. Dependendo do resultado desta reunião, que não conseguimos apurar antes do fechamento da edição, pode haver uma nova reunião da Intersul com a Eletrosul reunião em Fpolis até sexta-feira.

Leituristas na expectativa

Os 45 homens que fazem leituras e entregam as faturas de conta de luz da Celesc, na Grande Florianópolis, vivem na incerteza há mais de um mês. Não sabem quem é seu patrão e nem se terão dinheiro para comprar o que comer no mês que vem.

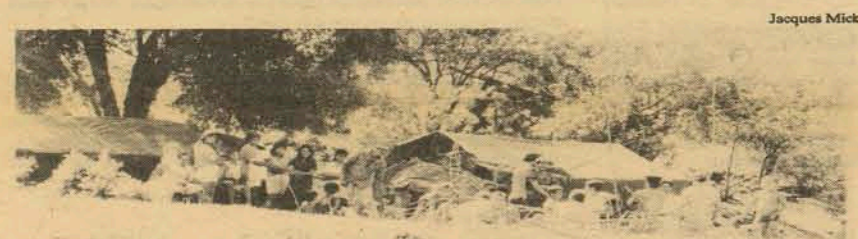
Em setembro o TST obrigou a Celesc a integrá-los no seu quadro de funcionários. Até hoje a empresa nada fez. Enquanto isto o antigo patrão dos leituristas, o dono da RIBRES, os ameaça diariamente com demissão caso eles não abram mão dos direitos que o TST garantiu. Uma confirmação da ameaça ocorreu dia 24 de outubro, quando a RIBRES anunciava nos classificados do Diário Catarinense que estava procurando leituristas.

Na RIBRES as regras de trabalho são desumanas: os leituristas ganham 45

mil cruzeiros por mês, assinados na carteira. Uma comissão "por fora" de cerca de 60 mil eleva o salário para cerca de 100 mil. Acrescido a este valor, existe mais um "vale-refeição" de 15 mil, também considerado como salário.

Estes 45 homens - que trabalham duro (atendem uma média diária de 400 a 500 casas, fazendo cerca de 372 mil operações de leitura e entrega de faturas por mês) - se forem precisados da Previdência só terão benefícios no valor dos 45 mil declarados na carteira. Por isto eles não vêm a hora de se sentirem realmente funcionários da Celesc. Só assim ficarão livres das ameaças e tratamento que a RIBRES continua lhes concedendo, por causa da omissão da Celesc.

SEM-TERRA



Jacques Mick

Acampados há anos, trabalhadores rurais esperam solução

Tensão e espera em Garuva

As 45 famílias que foram despejadas que foram despejadas de seu acampamento na fazenda carrapaim, em Garuva, continuam acampadas nos limites da fazenda, em uma área que pertence à diocese de Joinville. Os colonos sem-terra sofreram muita violência por parte da PM quando foram retirados da terra que ocuparam. Houve inclusive denúncia de torturas e espancamentos. Doze colonos foram presos.

Há vários anos se estende o processo de desapropriação da Carrapatinhos, mas a posse da terra pelos colonos vem sendo sistematicamente retardada

por processos judiciais e outras medidas.

A situação dos acampados está mobilizando o movimento sindical e popular em solidariedade. Estão sendo recolhidos mantimentos e fundos para auxiliar os trabalhadores rurais. Dia 4 de novembro, em Garuva, acontecerá um ato político de solidariedade aos sem-terra.

Os colonos dizem que vão esperar acampados a imissão de posse da terra. Alguns deles vivem em acampamentos há 10 anos.

Sindicatos devem profissionalizar atuação na defesa da saúde no trabalho

Cerca de 70 pessoas - entre sindicalistas e trabalhadores de base - passaram dois dias discutindo as relações de saúde e trabalho na atualidade. Foi na II Semana de Saúde do Trabalhador realizada nos dias 25 e 26 de outubro, na sede da Associação dos Empregados da Caixa Federal, em Jurerê, Florianópolis. As discussões foram muitas, mas as decisões (que deverão ser encaminhadas pelo Conselho da Comissão Intersindical de Saúde do Trabalhador - CISAT) são basicamente três: fazer pesquisas para verificar as ocorrências de acidentes e doenças adquiridas através do exercício profissional, fazer intercâmbio com as comissões de formação sindical para introduzir cursos na área e montar um banco de dados sobre saúde e trabalho.

A primeira discussão da Semsat foi sobre o tema "Saúde, trabalho e recessão", que foi apresentado pela socióloga Agda Aparecida Delia, que é coordenadora técnica do Diesat - Departamento Intersindical de Saúde do Trabalhador. Segundo Agda, o processo recessivo tem aumentado consideravelmente os índices de consumo de drogas, alcoolismo e inclusive suicídio, mas não há do ponto de vista técnico comprovação da relação imediata destas ocorrências com os problemas decorrentes da forma de organização de trabalho.

A ameaça de desemprego, de acordo com a socióloga, é a forma de pressão que tem causado mais problemas de saúde. "O desempregado perde completamente os seus referenciais de vida, vê alterado o seu papel na sociedade, precisando alterar a sua visão de mundo. O próprio sujeito se desintegra" observa Agda. O trabalhador empiricamente conhece os resultados do

desemprego e esta ameaça se coloca como uma pressão insuportável, acredita a socióloga.

O mais grave para Agda é a incapacidade do movimento sindical de trabalhar o sentimento dos sujeitos dos homens com relação ao trabalho, desprezando inclusive aspectos culturais do ambiente de trabalho. Ela exemplifica: "em São Paulo houve uma agitação sindical defendendo os frentistas de posto que trabalhavam com metanol, alardeando a necessidade de utilização de equipamento de segurança. Só que era mais difícil convencer os frentistas a usarem o equipamento (botas, luvas, máscaras) do que os próprios patrões a adquirirem o material".

Mas não foi só de discussões que se fez a Semsat. A programação foi cuidadosa em preparar atividades culturais, recreativas e ecológicas. "Nos preocupamos em recuperar o lazer nas atividades sindicais, pois isso aumenta o rendimento do grupo e se constitui como um elemento saudável, na medida em que descarta a possibilidade de stress", comenta Dalton Nuernberg organizador do evento. Durante a II Semsat, aconteceram inclusive caminhadas ecológicas pela praia de Jurerê. Logo no



Mais de 70 pessoas debateram saúde e trabalho

primeiro dia de discussões foi apresentada uma esquete teatral sobre saúde no trabalho, envolvendo e divertindo os participantes.

Mas não foi muito divertido para os sindicalistas ouvir algumas observações feitas pelo médico Ernani de Santa Helena, que atualmente é da coordenação do Programa de saúde do Trabalhador da prefeitura de São Paulo. "Os sindicatos, por incrível que pareça, delegam ao estado a responsabilidade com relação à saúde. Em SP, como há uma prefeitura progressista isso fica mais grave. Temos dificuldade em envolver os sindicatos em programas efetivos com relação à saúde", relatou Ernani.

Ernani descreveu a experiência da prefeitura paulistana na área de saúde: "adotamos a filosofia da descentralização,

mas estamos procurando incrementar esta ideia do Sistema Único de Saúde colocando a própria comunidade na gestão das unidades através de conselhos gestores por região. Estamos percebendo que em cada bairro as necessidades são diferentes e isso exige estruturas e iniciativas diferentes". A ainda pequena participação do movimento sindical na gestão da saúde, conforme Ernani, está se dando a nível do Conselho Municipal de Saúde através das centrais sindicais e de alguns sindicatos nos Centros de Referência de Saúde, que são estruturas descentralizadas e especializadas. Os sindicatos participam especialmente do Centro que trabalha a saúde do trabalhador.

Estes centros trabalham com dados espantosos: só na região oeste de São Paulo (capital) ocorrem 450 acidentes de trabalho por dia, com a média de 1 morte por semana. Boa parte dos acidentes acontecidos em função da introdução de novas tecnologias. Aliás, as "novas tecnologias" foi o tema da palestra de Neri dos Santos, engenheiro e professor da UFSC na área de ergonomia.

Neri comentou que a própria medicina não tem acompanhado o desenvolvimento de novas tecnologias na sua relação com o trabalho. As leis que regulamentam tais relações, muito menos. Ele denunciou que uma série de doenças como distúrbios de

coluna ou psicológicos não são considerados como males adquiridos no trabalho. A computação é tida como uma das principais fontes de "novas doenças". A solução para esta situação, disse o engenheiro, passa necessariamente pela organização em local de trabalho, pois a ação dos sindicatos neste caso só pode ser indireta, auxiliando e orientando os trabalhadores.

Aos sindicatos cabe a profissionalização na vigilância dos riscos no trabalho, argumentou Neri. Preocupação idêntica a de Flavio Valente, médico e assessor de saúde do trabalho do Sindicato dos Bancários de Florianópolis. Valente salientou a necessidade da organização nos locais de trabalho: "os trabalhadores não podem delegar aos sindicatos todas as ações, pois só eles que enfrentam diariamente os problemas é que podem exercer a fiscalização e mesmo perceber as situações insalubres que nem sempre são evidentes".

Instrumentalizar a CUT para atuar no campo da saúde é uma das preocupações de Valente: "A Central tem que atuar em diversas esferas institucionais no campo da saúde, mas para fazê-lo de forma competente tem que ter subsídios que devem ser fornecidos pelo Diesat e pelas Cistat's".

Mas a grande conclusão da Semsat é que o movimento sindical precisa amadurecer bastante nas discussões da área de saúde. Ainda não há um trabalho profissional que se coloque na perspectiva de resgatar, pelo menos no que se refere ao bem-estar físico, uma pedação da cidadania dos trabalhadores.

diferenciada" a que eles pertençam. Ao reconhecer esta representação, a Justiça põe uma pedra em cima das discussões abertas por alguns sindicatos que dizem que a Intersul e o CNE não representam a todos.

Terror em Goiás

O Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Urbanas no Estado de Goiás está enfrentando um clima de terror por parte da direção das Centrais Elétricas de Goiás. Foi recriada a Assessoria de Segurança e Informação (ASI), que antigamente era ligada ao SNI (Serviço Nacional de

Filho (Eletronorte) e Fred Sampaio (Eletróbrás) são os suplentes. A participação dos eletricitários na comissão se deu em função da participação do CNE em audiência pública que discutiu o projeto de lei e é considerada uma importante ocupação de espaços, pois será possível dar contribuições políticas concretas para se chegar a um modelo de setor elétrico que interesse a maioria da população.

CNE representa

todo o eletricitário

Um detalhe da sentença do juiz que concede a liminar que proíbe as demissões no setor elétrico até o dia 18 revela que o CNE, através da Federação Nacional dos Urbanitários, representa legalmente todos os eletricitários, independente da "categoria

Informações), que estimula a delação entre os trabalhadores. Há até uma unidade da PM instalada junto à empresa. Um sindicalista, 4 delegados sindicais e cipeiros foram demitidos, e agora começam a demitir as mulheres cujos maridos também trabalham na empresa. Os eletricitários goianos chegaram a fazer uma greve de 14 dias pela abertura de negociações. A greve terminou com a promessa de negociar, mas agora tudo voltou a "estaca zero" com corte do ponto dos grevistas, punições e nenhuma negociação.



TRIBUNA Livre

A arte de negociar

Delman Sérgio Ferreira
Diretor do Sinergia

Os tribunais, os parlamentares, a imprensa, grande parte da sociedade, assim como as empresas, tendem a pensar que os trabalhadores não tem razão em suas reivindicações. Ou seja, sempre partimos com uma desvantagem muito grande na hora de negociar. Uma desvantagem determinante, pois ocorre perante instâncias que tem poder deliberativo. Cabe aos trabalhadores reverter esta pré-disposição contrária.

O que abre portas nestas instâncias superiores, mesmo nas empresas, é o respeito sustentado na legitimidade da representação.

Negociar exige, antes de tudo, o respeito entre as partes. Não apenas o respeito formal das etiquetas. Mas, o respeito conquistado pela legitimidade da representação, pela seriedade, coerência, competência e domínio das questões em disputa.

Respeito é valor conquistado, não é um bem que possa ser doado, emprestado ou adquirido por herança. O respeito conquistado precisa ser reafirmado permanentemente. Não é imanente aos cargos ou postos que se ocupam. Negociar é uma conversação que envolve milhares de fatores.

Negociar, como um jogo de xadrez, exige de cada negociador que estude detidamente cada movimento. Como o jogador de xadrez, o negociador deve conhecer profundamente o histórico de negociações e jogadas anteriores. Deve analisar cada movimento e suas consequências. Deve definir claramente sua tática e conhecer detalhadamente quais serão suas próximas iniciativas.

Deve ter conhecimento profundo do adversário: como pensa, como reage, quais seus objetivos e, principalmente, o que tem a perder. O negociador deve ser capaz de prever cada novo movimento e as próximas jogadas do adversário e deve dominar perfeitamente o campo em que ocorrerá cada nova batalha.

Assim, como no xadrez, onde cada movimento é resultante da análise e do apoio de um exército de analistas equipados pelos mais sofisticados softwares dos mais velozes computadores, na negociação, a firmeza das afirmações depende do apoio do exército de trabalhadores equipados por sua disposição de luta.

Fazendo agora um paralelo com o futebol, diria que o resultado ideal de uma negociação seria um 5x5, onde ninguém se sente derrotado. Quando um dos lados se sente derrotado, passará todo período seguinte se preparando para dar o troco, o que é muito prejudicial para todos. No 5x5, todos tem muito o que comemorar e quem ganha é a empresa e a sociedade.

Mas, o principal é ter clareza de que uma negociação não se resolve apenas na mesa e sim pelos fatos que cercam esta mesa. Ou seja, as pressões extra-jogo são decisivas na apresentação de propostas.

A Tribuna Livre é um espaço aberto. As matérias devem ser remetidas para a redação, assinadas, datilografadas, e nunca com mais de 40 linhas de 70 toques. A publicação ficará a critério dos editores.

Quem liga pra ela?

O som que até algum tempo era considerado de mau-gosto e cafona invade as FMs e faz gente que se diz "in" apreciar coisas de um sentido estético duvidoso.

Leandro e Leonardo que o digam: todo mundo liga para eles.

Alexandre Gonçalves

Estudante de Jornalismo

A música brega invadiu o Brasil. E colocar canções recheadas de alegria, desejo, frustração e ambição no rádio e na TV, foi a arma pelos cantores do "movimento brega" para concretizar, em 1986, com o sucesso dos compositores Sullivan e Massadas, a invasão iniciada na primeira metade dos anos 70, por gente como Odair José. O rock nacional e a MPB foram aniquilados, temporariamente. Há muito tempo que o brega vem tomando conta do mercado nacional de discos e alcançando números estrondosos. Numa pesquisa feita em setembro do ano passado, pela revista *Veja*, de 15 milhões e 715 mil discos vendidos, 7 milhões e 300 mil eram de cantores românticos e sertanejos, ou seja, cantores rotulados de brega.

A Origem deste rótulo está ligada "a mais antiga das profissões": no nordeste, brega é o nome dado aos bordéis de beira de estrada. Nesses bordéis, a música que tocava era a de cantores como Waldick Soriano, Odair José, Evaldo Braga, Sidney Magal, entre outros, que alegravam putas e clientes. Então, a ligação da música com o ambiente resultou no rótulo que mais tarde receberia uma nova conotação: mau-gosto, música cafona.

Já que "era" (?) cafona, quem iria ouvir? O operário da fábrica, a faxineira, o servente de pedreiro, enfim, o "povão". Incluindo aí a mais famosa e fiel fã da música brega: a empregada doméstica. Virou até chavão dizer que música brega é música de empregada. Mas hoje a história é outra, e não é só a empregada que gosta do último sucesso do Wando ou do Chrystian e Ralf, por exemplo. A classe média e a "high-society" caíram de quatro para a música brega e passaram a comprar discos deste estilo.

Principalmente as duplas sertanejas - uma modalidade rica do brega - que deixaram para trás suas "origens caipiras" e incorporaram às suas canções o "romantismo melado", guitarras e sintetizadores, e ainda trocaram de roupa, aderindo ao modelo do cowboy



texano. Tudo isso para conquistar o público das grandes cidades. E os primeiros conquistadores foram Chitãozinho e Xororó. Depois de frequentar o horário nobre da TV, a dupla que "encontrou um fio de cabelo no paletó", começou a lotar as mais requintadas casas de espetáculo do eixo Rio-São Paulo, como o Olympia e o Paladium, alcançando a classe alta - mesmo se a classe alta for a classe da Hebe.

No momento, a dupla sertaneja de maior sucesso vem de Goiás. Lá, Leandro e Leonardo plantaram muito tomate, mas agora só plantam sucessos, um atrás do outro. ("Entre tapas e beijos", "Pense em mim", "Talismã", "Cadê você?", "Desculpe mas eu vou chorar" e "Paz na cama"), em todo o Brasil, consolidando o "crossover", fenômeno que ocorre quando alguma música, disco ou artista atinge outro público além

daquele já esperado ou conquistado. E foi isso o que aconteceu nas FMs. De repente, algumas rádios FM mudaram seu estilo, fugindo um pouco do público alvo: os jovens. A Atlântida FM, de Florianópolis, foi uma dessas rádios. "Boa parte do nosso público começou a exigir um pouco de Leandro e Leonardo", explica Arthur Rocha, coordenador da rádio. "Então por que eu não vou tocar esse troço?" E depois dos 3 minutos de Leandro e Leonardo na propaganda da Bombril, com a música "Pense em mim", o número de telefonemas para a rádio aumentou e, segundo Arthur, "todo mundo pedia aquela música do Bombril".

Isso mostra que, hoje em dia, uma canção precisa de um empurrãozinho da mídia para fazer sucesso. Por enquanto, na Atlântida FM, apenas duas músicas da dupla Leandro e Leonardo

deverão permanecer na programação, já que "resto é baixaria", define Arthur.

E não foi só a nova música sertaneja que começou a frequentar o FM. A música romântica ou brega-chique também ocupou seu espaço. Primeiro com a ascensão de Michael Sullivan e Paulo Massadas, a dupla de compositores que desbancou Roberto e Erasmo Carlos. Sullivan e Massadas montaram um verdadeiro "exército", formado por novos artistas e por outros que mudaram de estilo quando caíram nas graças - ou na garra - dos compositores. Rosana, Fafá de Belém, Alcione, Fagner, Joana e Sandra de Sá são alguns dos "soldados" que defenderam Sullivan e Massadas com sucessos como "Retratos e Canções", "O amor e o poder", "Deslizes", "Amanhã talvez", entre outros tantos. Atualmente, a hegemonia de Sullivan e Massadas está sendo quebrada por compositores como Marcos e Paulo Sérgio Valle, autores de sucesso de artistas como Simone, Patrícia e principalmente José Augusto. Este último também compõe canções de forte apelo popular e ainda teve coragem de gravar uma versão em português de "London, London", de Caetano Veloso, transformando-a em sucesso.

O grande sucesso da música brega, seja ela dos sertanejos ou dos "românticos", pode ser comparado, de acordo com André Midani, vice-presidente da gravadora Warner Bros., numa recente entrevista, ao sucesso de um político. Os dois, cantores brega e políticos, estão interessados em tocar fundo no coração das pessoas, fazendo com que elas acreditem no que estão dizendo, fiquem emocionadas e sonhem com dias melhores. E quando os cantores conseguem seu objetivo, não há quem... "as luzes da cidade acesas"... resista... "pense em mim, chore por mim"... e não comece a cantar... "existem momentos da vida que lembramos até morrer"... os grandes sucessos da música brega.

LINHA
abertas